

**DEFINIÇÃO DOS VALORES DE UMA LOCALIDADE TURÍSTICA CULTURAL -
ESTUDO DAS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANI ORIENTAIS DA AMÉRICA**

**DEFINITION OF VALUES OF A CULTURAL TOURIST DESTINATION - STUDY OF THE ORIENTAL
JESUIT-GUARANI MISSIONS OF AMERICA**

Pedro de Alcântara Bittencourt César

PhD em Geografia, Professor Titular da Universidade de Caxias do Sul

pedrotur@usp.br

Beatriz Veroneze Stigliano

PhD em Ciência Ambiental, Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos

veroneze@ufscar.br

RESUMO

As missões jesuítico-guarani orientais da América se caracterizam, há anos, como destino turístico nacional e internacional. Neste trabalho, pesquisam-se as missões de São Miguel, São João, Santo Ângelo e São Lourenço, situadas no atual território brasileiro. Dessas, destaca-se São Miguel, legado de valor arqueológico e arquitetônico, reconhecido pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. Adota-se, como objeto de estudo, a formulação do atrativo das missões de São Miguel como oferta primária para o desenvolvimento de turismo cultural na região. Nesta pesquisa, de natureza qualitativa. Levanta-se sua formação social, histórica e arquitetônica, destacando os elementos patrimoniais e as diversas possibilidades de referência do tema de interpretação patrimonial. Objetiva-se, nesse sentido, oferecer contribuições para a melhoria da utilização do patrimônio e da experiência de visitação no local de estudo, através de ações de interpretação patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio Jesuítico, Turismo Cultural, Planejamento Turístico, Missões Jesuítico-Guarani.

ABSTRACT

The Jesuit-Guarani missions of eastern America are a tourist destination that attract both national and international tourists. In this study, the missions of São Miguel, São João, Santo  ngelo and São Lourenço, located in the current territory of Brazil, are analyzed. São Miguel stands out as a legacy of archaeological and architectural heritage, recognized by UNESCO as a World Heritage Site. The object of this study is the formulation of the missions of São Miguel as a primary offer for the development of cultural tourism in the region. In this research, which is qualitative in nature, social, historical and architectural formation are focused on, highlighting the heritage and the possibilities of heritage interpretation. The aim is, accordingly, to provide contributions to improving the use of heritage and the visitor experience, through heritage interpretation actions.

KEYWORDS

Jesuit Heritage, Cultural Tourism, Tourism Planning, Jesuit-Guarani Missions.

Adota-se como objeto de estudo a formulação do atrativo das Ruínas de São Miguel como oferta primária para o desenvolvimento de turismo cultural. A este se agrega a rota missioneira e as ruínas do entorno como oferta secundária, na constituição da oferta. Assim, nesta pesquisa, estudam-se essas reduções religiosas, com o intuito de observar como as possibilidades temáticas de comunicação do bem cultural se relacionam na elaboração do produto turístico.

As temáticas relacionadas à história do local definem valores dos atrativos culturais. Deste modo, cada tema configura corpo conceitual específico para a apresentação dos objetos (bens materiais) e suas relações sociais são os elementos formadores do produto turístico. Sabe-se que o atrativo é parte do produto turístico, entretanto, nesta pesquisa configura o recorte adotado, tendo os processos históricos como foco. Neste contexto, as edificações se tornam referências, sendo encontradas, principalmente, em forma de ruínas, distribuídas por um vasto território, do que hoje é parte do Brasil, Argentina e Paraguai.

Territorialmente, esses assentamentos deram origem aos povos da margem ocidental do Rio Uruguai. Posteriormente, expandem-se para a face oriental, totalizando 30 povos. Eles têm como característica: Seu processo civilizatório se define com uma lógica justificada na contra-reforma e na “europerização” do índio sul-americano; Estabelece-se uma formação urbano-arquitetônica apresentando características ímpares; Tem-se o povo Guarani como síntese na formação do Paraguai. Esses são alguns dos valores temáticos possíveis, embora não se esgotem em si. Seu reconhecimento e o estudo de seu estatuto são fundamentais para uma proposta de Interpretação Patrimonial (I.P.). Assim, inicialmente, analisam-se essas relações na formação das localidades objeto de estudo e, posteriormente, reflete-se acerca da essência de elementos que possibilitam alguns desses entendimentos.

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994; Chizzoti, 2005), em que se delinea um panorama acerca da situação atual encontrada nas ruínas das missões jesuítico-guarani de Santo Ângelo, São Miguel, São Lourenço e São João Batista. Os elementos analisados se relacionam à utilização do patrimônio para fins de visitação e ao tipo de turismo existente e possível, com vistas à Interpretação Patrimonial. O desenvolvimento desta pesquisa se baseou em observação direta extensiva, com a realização de entrevistas com sujeitos relacionados à gestão do patrimônio e de equipamentos turísticos e de apoio; na análise de documentos e na revisão teórica acerca do tema (Chizzoti, 2005; Marshall, 1995; Yin, 2001). As visitas a esses locais aconteceram no mês de janeiro de 2011.

Inicialmente, foram coletados e analisados trabalhos acadêmicos que focaram o tema abordado, a fim de se obter um panorama inicial. Paralelamente, realizou-se pesquisa, em sites oficiais na *internet*, de Prefeituras e da Rota das Missões, de forma a se configurar o roteiro de visitação *in loco*. Verifica-se que tal pesquisa deixa dúvidas em relação à oferta encontrada no local. Durante a visita, foram coletados *folders* e mapas disponíveis em atrativos e equipamentos turísticos, não tendo sido encontrados Postos de Informações Turísticas ativos.

Assim, levanta-se a formação social, histórica e arquitetônica, destacando os elementos patrimoniais e as diversas possibilidades de referência do tema de Interpretação Patrimonial. Ela é relacionada com material diverso, acerca do local, principalmente com a maneira que se apresentam os elementos de comunicação para a Interpretação.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

A FORMAÇÃO SOCIAL

O estudo da formação do local implica alguns entendimentos. Sua configuração originou-se de um projeto das missões jesuíticas. Pode-se referir a ele como uma proposta ideológica, definida na contra-reforma, de catequese e expansão do catolicismo. Por um lado, esta se confronta com uma cultura ímpar, do povo guarani, com suas próprias peculiaridades. As missões se caracterizam como síntese dessas duas necessidades, elaborando-se reduções, ou seja, aldeamentos ocidentalizados. Outro aspecto importante remete à reprodução de formas arquitetônicas. Estabelecidas na Europa, sua materialização na América do Sul reforça o grau de desenvolvimento sócio-econômico desses povoados. Seu reconhecimento torna-se também necessário. Assim, apresentam-se alguns desses estatutos possíveis para uma análise, adiante, em relação à Interpretação Patrimonial.

O INTERESSE DA CONTRA-REFORMA E DOS POVOS COLONIZADORES

No período do descobrimento, o reino português iniciava-se na modernidade. Sua dimensão superestrutural estabelece a formação de duas hierarquias superiores, uma sociedade civil e outra religiosa. Elas viviam em constante conflito, reforçado pela idéia de autonomia real (Abreu, 1988: 56).

Na América portuguesa, o interesse dos jesuítas, em muitos aspectos, confundia-se com o da própria colônia. Embarcados para o novo continente, juntamente com as primeiras orlas de europeus, esses missionários reforçam a formação de reduções e catequese, inicialmente, pela capitania de São Vicente. Assim, o processo de urbanização, com a formação de núcleos urbanos, concretiza-se transpondo “a serra do Mar, [e] estabelecendo na ribeira do Tietê uma primeira missão que tomou o nome do apóstolo dos gentios” (Abreu, 1988: 91). A região da vila de Piratininga de São Paulo configura-se, também, como formadora e abrigo dos bandeirantes. Esses homens e instituições, desde o seu estabelecimento, desconheciam os “limites naturais da colônia, forçando sua área de influência no Amazonas e no Prata. O Prata favorecia o fluxo de navegabilidade desde o rio Tietê, possibilitando a formação de Bandeiras para escravizar o indígena” (Abreu, 1988: 142). Tal condição foi facilitada com o estabelecimento da dinastia espanhola dos Felipes, em Portugal.

Para o bandeirante, o índio representava mercadoria. No decorrer do período colonial, estima-se que mais de três centenas de milhares deles foram comercializados, principalmente para a região da Bahia e Pernambuco, no nordeste do Brasil (Ribeiro, 1995: 143). A entrada dos paulistas para o interior do continente confronta-se com a busca dos paraguaios para o mar, criando questões de interesse comum entre ambos. Tal relação foi efetivada desde o século XVI, cultivando um princípio de boa relação nas caçadas humanas, em que “foram às vezes sócios e aliados” (Abreu, 1988: 144).

Como contraponto, surgem as reduções. Definidas, muitas vezes, como proteção dos índios, eram uma das principais realizações da Companhia de Jesus na América:

"A Companhia de Jesus foi criada no contexto da Contra-Reforma em que a Igreja Católica também utilizou a arquitetura, o urbanismo e as artes como cenários e instrumento para o processo de conversão. Foi em decorrência do espírito do Barroco que as práticas sociais nas reduções, correspondendo ao espírito cenográfico e teatral desse movimento, ganharam maior dinâmica e valor de representação." (Custódio, 2007: 72)

Entretanto, esses agrupamentos eram oásis de matéria prima dos caçadores de escravos. Evitavam a entrada no sertão hostil, em terra desconhecida, bastava invadi-los.

Quando se alterava o estatuto espacial do índio, com as reduções, esses exigiam a manutenção das suas estruturas sociais. A introdução do europeu, quando aceita, era realizada com a formação de laços sociais e a aceitação de seus hábitos e valores. Porém, esta situação era desafiada pelos principais atores da colonização: o colono, o agente da coroa e os jesuítas. Todos eles tinham um interesse de europeizar, de sua maneira, a América.

O GUARANI, AS REDUÇÕES E SUA FORMAÇÃO URBANO-ARQUITETÔNICA

Os Guaranis, juntamente com os Tupis, ambos de um mesmo tronco, caracterizavam a América do Sul oriental:

"De sua conjunção resultam não só os mestiços, mas cristalizações culturais novas que acabaram por configurar-se como protocélulas étnico-culturais para as quais aqueles grupos indígenas contribuíram com a língua que se falou nos primeiros séculos e com a quase totalidade das formas de atendimento de subsistência dos núcleos originais brasileiros, rioplatenses e paraguaios" (Ribeiro, 1983: 210)

Eles, por uma perspectiva cultural, estavam entrando na revolução agrícola. Superavam a condição de povos caçadores e coletores e organizavam áreas de plantio, faziam o reconhecimento da floresta e de animais. Tinham na mandioca sua base alimentar, entre outros produtos, o que assegurava seu suprimento alimentar. Produziam, também, artefatos, vestimentas, venenos, pigmentos e estimulantes.

Inicialmente, trabalham-se as Missões como uma forma ideal de sociedade. O conceito de utopia foi freqüentemente descrito, por muitos que a pesquisaram. Associa-se a ela a visão de uma sociedade igualitária, "onde cada pessoa tinha uma profissão de interesse para a vida em comum (Telles, 2008: 73). Porém, "A própria redução jesuítica só pode ser tida como uma forma de cativeiro" (Ribeiro, 1995: 103). Nessa condição, ele ficava à disposição dos interesses sociais e dos governantes para toda e qualquer tarefa de interesse do administrador urbano. Abria estradas, urbanizava o local, erguia as igrejas. Entretanto, "expulsos os jesuítas, a situação piorou muito" (Ribeiro, 1995: 104).

Uma importante característica pode ser definida desta forma:

"Missões, um espaço no tempo, é terra de fronteira que ultrapassa a territorialidade dos marcos nacionais. É paisagem de memória que remete a registro no tempo, desde a imagem visual que se oferece ao olhar às imagens mentais, que são em parte sociais e herdadas, e em parte pessoais, fruto da vivência de cada um" (Pesavento, 2007: 51-2)

Entretanto, sua formação social se dá como bandeira ideológica, desde meados do século XX. Facilmente, associam-se esses povos a uma idéia de república cristã igualitária, ou, mesmo, a realizações utópicas (Lugon, 2010).

A arquitetura pode ser definida por muitas formas. Há várias décadas, por uma pesquisa de abordagem weberiana, tem-se tentado compreender as formas arquitetônicas. A isso se associa o entendimento direto das matrizes européias. Entretanto, a arquitetura no novo continente deve ser compreendida como síntese de uma formação sócio-espacial.

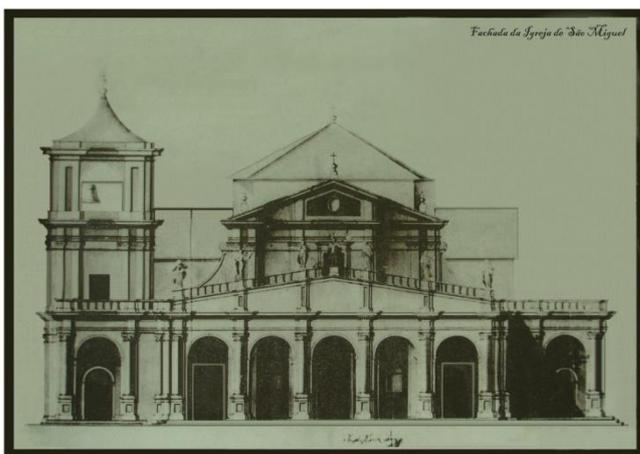
Com base européia para o período, as realizações artísticas do renascimento são fundamentais. Desde então, a contra-reforma caracteriza a cidade de Roma, que, novamente, torna-se referência na arte. Nesta direção, surgem diversas ordens religiosas com o intuito de frear a expansão protestante. Entre elas, a Companhia de Jesus define suas formas no novo estilo proposto. Em suas igrejas, adaptam-se as cruzes latinas às novas exigências. Associa-se a arquitetura jesuítica ao Maneirismo (Ducher, 1992: 76)

e, como modelo, ou inspiração, adota-se a Igreja de Gesù, em Roma (Figura 1). Chastel a denomina (1991: 504) de pré-barroco.

"Talvez tenha sido uma influência maior do que qualquer outra igreja nos últimos quatrocentos anos. Giacomo Vignola (1507-1573), arquiteto, provavelmente seguindo as idéias de Miguel Ângelo, combina em sua planta baixa o esquema central da Renascença com o esquema longitudinal da Idade Média – fato muito característico" (Pevsner, 1982: 220)

Bazin, contrariando tal posição, classifica a Igreja de Gesù como protótipo da arquitetura barroca (1908: 262). Este arquiteto despreza o momento de transição.

Figura 2: Fachada da Igreja de São Miguel baseado na Igreja de Gesù

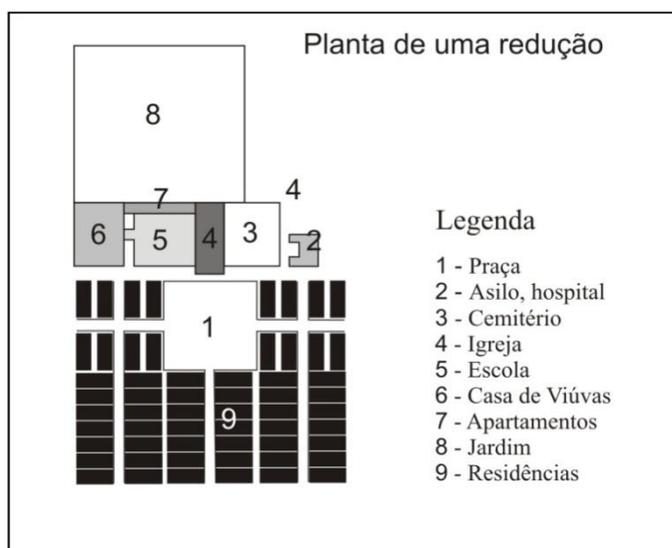


Fonte: Fotografia do local, digitalizada pelo autor

Classifica-se como de estilo jesuítico o acervo arquitetônico encontrado na região das Missões. Por muito tempo, esses bens, esparramados pelo mundo por obra da Companhia de Jesus, eram retratados como pertencentes a um estilo específico. Entretanto, teoria defendida por Joseph Braun explica que esses religiosos se adaptavam “à prática arquitetônica e às práticas de cada país onde se estabeleciam” (Burry, 1991: 199).

Este recebe, principalmente fora do Brasil, o título de “estilo da contra-reforma”. Sua fundamentação inicia-se na Itália, em obras como as igrejas de Santa Giustina de Pádua e Santa Maria de Carignano, em Genova. Vicente Scamozzi teoriza acerca do estilo (Burry, 1991: 98). Porém, a Igreja de Gesù torna-se a maior influência das tradições jesuíticas. Assim, os missionários das reduções paraguaias não adotam a influência portuguesa. Esses operavam por um valor institucional espanhol, não desprezando a influência itálica.

Na América espanhola, as distribuições retilíneas de uma formação urbano-arquitetônica em grelha apresentam-se como definidoras da ordem. Nelas, suas ruas dispõem de uma praça central – Plaza Mayor ou das Armas – que distribuía os edifícios dos poderes espirituais e temporais (Marx, 1980: 29). Tal distribuição espacial é facilmente observada nas Missões Jesuíticas, mesmo dando pouco valor à administração civil (Figura 3).

Figura 3: Planta esquemática da distribuição das missões Jesuítico-Guarani

Fonte: Desenho de autoria própria.

Ressalta-se que:

"A escolha do local de cada redução era cuidadosamente estudada, levando-se em conta o clima, a fertilidade do solo, a paisagem que o circundava e as vantagens para a sua defesa. Em geral ocupavam pontos dominantes de arroios ou de rios navegáveis, a sete léguas uma da outra" (Lugon, 2010: 51)

A igreja de São Miguel Arcanjo, por exemplo, envolveu, por décadas, o esforço do operário. Idealizada pelos planos de jesuítas europeus, sua obra envolveu a remoção de toneladas de pedras de arenito do arroio de Santa Barbara, realizada por centenas de guaranis, em um trabalho árduo, criando como referência um conjunto urbanístico. Este se desdobrava a partir de uma praça, localizada na frente da igreja (Telles, 2008: 74). Empregam-se, assim, as determinações da Companhia de Jesus. Nelas, as construções deveriam ser sólidas, utilizando material que as perpetuasse. Comumente, adota-se, na América, a taipa de pilão, pedra e cal e pedra (Costa, 1978: 21). Seu uso estava associado aos materiais disponíveis que permitissem alcançar a estabilidade da construção.

A CONFIGURAÇÃO DO PATRIMÔNIO

No ano de 1922, o Rio Grande do Sul estabelece o "Regulamento de Terras". Este documento se tornou o arcabouço do início do estatuto de preservação neste Estado. Ao se referir às Missões, São Miguel é reconhecida como lugar histórico.

A condição de lugar histórico estabelece que sejam: "Mantidos no domínio público ou trazidos para este e devidamente conservados, os lugares notabilizados por fatos assinalados à evolução do estado" (Regulamento de Terras do Rio Grande do Sul). Na criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), as ruínas de São Miguel são imediatamente tombadas. Assim, no ano de 1938, após relatório do arquiteto Lúcio Costa, o governo federal as reconhece como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1980, a tal condição é agregado o reconhecimento como Patrimônio da Humanidade, juntamente com outras reduções missionárias da Argentina e do Paraguai.

Na visitação a este bem, encontra-se outro exemplo da vanguarda de reconhecimento nacional. Suas ruínas tornaram-se marco de um espetáculo de Som e Luz, realizado há mais de três décadas.

PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ATRATIVO TURÍSTICO

O patrimônio envolve uma formulação social. No turismo, esta elaboração perpassa sua constituição como recurso para ser definido como atrativo cultural, mediante uma construção teórico-metodológica.

A compreensão do turismo, no país, elabora-se por um reconhecimento epistemológico próprio (Nechar; Netto, 2010). Campo de saber em formulação, seu entendimento, como recurso, atende, muitas vezes, a interesses de outras áreas do conhecimento. Assim, Camargo (2002) e Vasconcelos (2006) envolvem o Turismo e a História, por uma perspectiva patrimonial e museológica, ao estabelecer a prática da visitação, levando, para outros campos epistemológicos, um importante conhecimento acerca da visitação. Porém, caminho inverso realiza, por exemplo, Henriques (2003), que atualiza e dilui valores próprios de outras áreas para o Turismo.

Esta difícil constituição, tão bem retratada por Japiassu (1992), formula os campos do saber. O reconhecimento e a análise de pesquisas realizadas em diversos campos do Turismo cultural no país é de fundamental importância. Assim, os estudos realizados acerca do turismo religioso (Oliveira, 2004) e o carnaval (Oliveira, 2007), a Arqueologia (Morais, 2001), entre outros, definem uma formação deste campo. Destacam-se, nesta referência, estudos mais amplos, como o inventário cultural, da paisagem e da especificidade do planejamento do turismo cultural. Temas que Pellegrini Filho (2000) aborda, por uma complexa relação do sujeito para a compreensão do turismo cultural. Na paisagem, Yáziqi (2002) reflete sobre suas diversas formações - histórica, geográfica, cultural, arquitetônica - e sua apropriação para o turismo. Barreto (2000) busca especificar um planejamento envolvido com o recurso cultural.

Entretanto, tais temáticas envolvem o reconhecimento de outras questões específicas. No planejamento, deve-se levar em consideração o entendimento da materialidade do objeto cultural e seu reconhecimento patrimonial (Troitiño Vinuesa, 2002) Condição esta em que “intervenciones deben preservar la arquitectura y las essencias al lugar que em su día fue de produccion, manteniendo la memoria de las personas que invirtieron capitales, que manejanon máquinas y técnicas y establecieron relaciones sociales y produtivas” (Pardo Abad, 2008: 107). Essas questões se apresentam como recorrentes, para todos os tipos de patrimônio, não somente para um específico.

Tais relações reforçam o patrimônio como recurso do atrativo cultural. Porém, embora se reforce a necessidade do estudo teórico destas questões no entendimento do produto do turismo cultural, tais questões não serão aprofundadas neste momento. Nesta pesquisa, procura-se estabelecer valores do seu estatuto na definição da IP como atrativo turístico cultural.

O ATRATIVO MISSIONEIRO

Buscaram-se, nos folders turísticos coletados, elementos que colaborasse para uma visão geral das localidades estudadas (Figura 4). Nos materiais acerca dos patrimônios, aborda-se, predominantemente, a Rota das Missões, como um todo, ou as ruínas de São Miguel. Os roteiros são confusos e somente esta redução apresenta um atrativo como produto cultural para visitação. O material coletado oferece informações, em geral, pouco contextualizadas espacialmente. Há dificuldade

de se compreender as distâncias entre os locais divulgados, a condição do acesso, bem como os atrativos e estruturas neles existentes.

Quanto ao aspecto arquitetônico, a reprodução do antigo projeto, divulgado em painéis, reforça o ideário jesuítico. Para a pessoa com certa formação de arte e arquitetura, fica clara a realização dialética construtiva apresentada entre o estilo Maneirismo e Barroco, com aspecto Renascentista tardio, das construções desta ordem, projeto e as edificações e ruínas. Entretanto, para o leigo, estas questões tornam-se distantes.

Figura 4 – Missões de São Miguel, Santo Ângelo, São João Batista e São Lourenço



Fonte: Fotos dos próprios autores

O maior momento relacionado ao acervo arqueológico arquitetônico é o espetáculo de Som e Luz. Nele, retrata-se uma clara comunicação acerca do povo Guarani. Pode-se observar uma tematização entre a questão da utopia missioneira e a formação do povo Guarani / Paraguaio. Embora, sem uma perspectiva clara, expõem-se, também, as realizações tecnológicas e arquitetônicas realizadas. O evento, acontecendo diariamente, desde que a condição atmosférica permita, em virtude de ser ao ar livre, atrai dezenas de espectadores que se dirigem, há décadas, para o mesmo. Nota-se, no entanto, uma falta de atualização. Projeto pioneiro, que poderia, inclusive, apresentar uma perspectiva histórica do próprio show, atualmente, não desperta a mesma atenção de uma sociedade acostumada com novos instrumentos tecnológicos. Estabelece-se, nele, a principal realização de Interpretação Patrimonial das Missões em território brasileiro.

4. RESULTADO DA PESQUISA

Nas entrevistas realizadas com gestores do patrimônio, funcionários do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional), locados no escritório de São Miguel, bem como com pessoas vinculadas a equipamentos turísticos (meios de hospedagem e serviços de alimentos e bebidas), observa-se, de modo geral, uma visão memorial do patrimônio, porém com baixo profissionalismo no que se refere à acolhida ao visitante. Exceção são as pousadas de São Miguel.

Em Santo Ângelo, concentra-se a maior oferta de equipamentos e serviços para o visitante. Esta cidade se posiciona como sede regional dessa área do Rio Grande do Sul, acolhendo uma grande universidade e diversos serviços públicos e privados. Historicamente, é a mais nova das sete reduções orientais. Prosperou com uma expressiva produção de erva-mate, embora, das construções iniciais da redução, pouco reste, hoje. Erguida sobre a antiga capela missioneira, a atual catedral angelopolitana é de meados do século XX. Em seu entorno, foram abertas as “janelas arqueológicas” (Figura 5), espaços escavados cobertos de vidro transparente, que permitem a visualização de partes da fundação da antiga

construção. O conjunto, completo pela praça, prefeitura e museu municipal, compõe o principal atrativo relacionado às missões no município.

Figura 5 – Ruínas escavadas em Santo Ângelo



Fonte: Próprios Autores

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que, na região pesquisada das Missões, há uma proposta de Interpretação Patrimonial. Embora com muitas lacunas a serem preenchidas, trabalha-se a temática da existência de um povo com alto grau de formação sócio-cultural e que se tornou alvo da expansão dos interesses escravagistas e dos interesses territoriais portugueses na América.

Contudo, os atrativos pouco se integram ao contexto social e urbano atual. Notam-se, ao longo de décadas, ações que possibilitaram o inventário, e diversos reconhecimentos do legado. Porém, a presença das relações superestruturais demonstra uma lógica hierárquica do agente federal em relação ao atrativo histórico e turístico. Nesta, distancia-se a existência de equipamentos turísticos e, mesmo, de projetos mais didáticos de Interpretação Patrimonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, J. C. de. (1988), “Capítulo de história colonial”, *Belo Horizonte*, 7º ed., Itatiaia, Edusp, São Paulo.
- Barreto. M. (2000), *Turismo e legado cultural*, 3ed, Papirus, Campina..
- Bazin, G. (1980), *História da arte*, Martins Fontes, São Paulo.
- Bogdan, R.C., Biklen, S.K. (1994), *Investigação qualitativa em educação*, Porto Editora, Porto.
- Burry, J. (1991), *Arquitetura e arte no Brasil colonial*, Nobel, São Paulo.
- Camargo, H. L. (2002), *Patrimônio histórico e cultural*, Aleph, São Paulo.
- Chastel, A. (1991), *A arte italiana*, Martins Fontes, São Paulo.
- Chizzoti, A. (2005), *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*, Cortez, São Paulo.
- Costa, L. (1978), *A arquitetura jesuítica no Brasil. A arquitetura religiosa*, FAUUSP, São Paulo, 9-98.

- Custódio, L. A. B. (2007), “Missões: patrimônio e território”, in Meira, A. L. B.; Pesavento, S. J., (orgs) *Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das missões*, EdUFRGS, Porto Alegre, 65-79.
- Ducher, R. (1992), *Característica dos estilos*, Martins Fontes, São Paulo.
- Henriques, C. (2003), *Turismo, cidade e cultura: planejamento e gestão sustentável*, Sílabo, Lisboa.
- Japiassu, H. (1992), *Introdução ao pensamento epistemológico*, 7ed., Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- Lugon, C. (2010), *A república Guarani*, Expressão popular, São Paulo.
- Marshall, C.; Rossman, G. B. (1995), *Designing Qualitative Research*, 2ª ed., Sage Publications, California, EUA.
- Marx, M. (1980), *Cidade brasileira*, Edusp, São Paulo.
- Morais, J. L. (2001), “A arqueologia e o turismo”, in Funari, P.P., Pinsky, J., (orgs.) *Turismo e patrimônio cultural*, Contexto, São Paulo, 95-103.
- Nechar, M. C.; Netto, A. P. (orgs.) (2010), *Epistemología del turismo: estudios críticos*, Trillas, México.
- Oliveira, C. D. M. de (2004), *Turismo religioso*, Aleph, São Paulo.
- Oliveira, C. D. M. de (2007), *Geografia do turismo na cultura carnavalesca*, Paulistana, São Paulo.
- Pardo Abad, C. J. (2008), *Turismo y patrimonio industrial: un análisis desde la perspectiva territorial*, Sintesis, Madrid.
- Pellegrini Filho, A. (2000), *Turismo cultural: estudo de metodologia aplicada*, Manole, São Paulo.
- Pesavento, S. J. (2007), “Missões, um espaço no tempo: paisagem e memória”, in Meira, A. L. B., Pesavento, S. J., (orgs) *Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das missões*, EdUFRGS, Porto Alegre, 51-63.
- Pevsner, N. (1982), *Panorama da arquitetura ocidental*, Martins Fontes, São Paulo.
- Ribeiro, D. (1995), *O povo brasileiro e o sentido do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Ribeiro, D. (1983), *As Américas e a civilização: Estudos de antropologia da civilização*, 4ed., Vozes, Petrópolis.
- Telles, A. C. S. (2008), “Ocupação do litoral, entradas para o interior do continente e definições de fronteira”, in Bicca, B. E., Bicca, P. R. S., (orgs.) *A arquitetura na formação do Brasil*, 2ed, UNESCO; IPHAN, Brasília, 16-77.
- Troitiño Vinuesa, M. A. (2002), “El patrimonio arquitectónico y urbanístico como recurso turístico”, in Marchante, J. S. G., Holgado, M. C. P., (orgs) *La función social del patrimonio histórico: El turismo cultural*, Ed. Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca.
- Vasconcelos, C. M. (2006), *Turismo e museu*, Aleph, São Paulo.
- Yázigi, E. (org.) (2002), *Turismo e paisagem*, Contexto, São Paulo.
- Yin, R. (2001), *Estudo de caso: planejamento e métodos*, 2ª ed., Bookman, Porto Alegre.